



**Representações em capas:
Análise icônica dos jornais O Globo e O Dia durante as ocupações do Complexo do Alemão e Rocinha¹**

Bruna MATTOS²
Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, MG

Resumo

Este trabalho analisa as fotografias dos jornais O Globo e O Dia sobre o processo de “retomada de território” com a finalidade de implantar uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) nas comunidades do Complexo do Alemão e Rocinha, respectivamente no ano de 2010 e 2011. A pesquisa tem por objetivo examinar como esses jornais cobriram tais eventos de grande relevância para a cidade. Através do método da análise de conteúdo foi possível elencar quais as representações passariam pela análise semiótica, e assim investigar de que maneira foi feita a cobertura dos casos, visando seu conteúdo imagético. O recorte realizado sobre a linguagem fotojornalística objetivou compreender de que forma suas características ajudam a re-significar os episódios estudados.

Palavras-chave

UPP; Rocinha; Complexo do Alemão; Fotojornalismo

Introdução

Em novembro de 2008, com o objetivo de reduzir os altos índices de violência em sua capital, o governo do Estado do Rio de Janeiro implantou a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Esse projeto visa à ocupação permanente da Polícia Militar (PM) em favelas da cidade. O Morro Santa Marta, em Botafogo, foi a primeira comunidade escolhida. Mas antes da implantação definitiva de uma UPP, deve ocorrer a “retomada do território”. Trata-se de uma das etapas do processo em que, representações militares entram nas favelas com a finalidade de “retomar” o território e devolve-lo ao Estado.

No primeiro momento esse processo tende a estabelecer a ordem e para tanto é que são feitas as operações de buscas, que normalmente resultam em apreensões de drogas, armas, munições, entre outros artefatos, além de também objetivar prender os membros das facções criminosas locais, como forma de dismantelar a organização.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Graduada em Jornalismo pela UFOP. Graduanda em Comunicação Social – Radialismo pela ECO-UFRJ, email: brunamattos1@hotmail.com.



Essas operações ocorrem pela necessidade de reaver partes dos territórios da cidade, nos quais o Estado já não exerce praticamente nenhum poder.

Esta pesquisa analisou as capas dos jornais O Globo e O Dia que tratavam do processo de “retomada dos territórios”. Dos dias 23 de novembro a 03 de dezembro de 2010, as páginas se relacionavam ao caso do Complexo do Alemão, e de 10 de novembro a 20 de novembro de 2011, sobre o caso da Rocinha. O periódico O Globo foi escolhido por ser o jornal de maior vendagem no estado do Rio de Janeiro, e o terceiro mais vendido do Brasil, com média de circulação em 2013 de 267 mil exemplares – de acordo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ). O jornal O Dia foi selecionado pelo interesse de se ampliar a análise dos impressos destinados a outras classes sociais, visto que esse último é direcionado às classes C e D, enquanto o primeiro às classes A e B, podendo, é claro, ocorrer variações de público ao qual se destinam. Além disso, os jornais pertencem a grupos distintos, a Editora O Dia S/A e Infoglobo Comunicações Ltda. A pesquisa não tem por objetivo central a comparação entre esses dois periódicos em toda a sua complexidade editorial, embora em alguns momentos acabe inevitavelmente por acontecer.

Foram consideradas apenas fotografias das capas dos impressos que tratavam do processo de “retomada de território”. Vale ressaltar que “essa expressão” foi e ainda é contínua e vastamente empregada entre a mídia, e até mesmo pelos representantes governamentais, quando se referem à etapa de entrada dos militares nas favelas. A escolha por essas duas favelas ocorreu por se tratarem de comunidades com grande extensão territorial, o que exigia por parte do governo um maior aparato no momento da operação. Além disso, outro fator determinante para a escolha do Complexo do Alemão e Rocinha foi a ampla cobertura midiática que receberam, com destaque em diversas capas dos jornais analisados, e inclusive elaboração de cadernos especiais exclusivamente a respeito.

Em suma, este trabalho não tem por pretensão analisar o processo de “retomada territorial” em si, nem julgar se é ou não uma solução eficaz para a atual situação de violência em que se encontra o Estado do Rio de Janeiro. Mas sim, observar como dois dos maiores impressos em circulação no Estado realizaram a cobertura de tais episódios, entendendo ao que pretenderam dar maior destaque em suas capas.

Metodologia



A análise de conteúdo (AC) consiste na técnica de pesquisa que tem por finalidade, a identificação de características objetivas e sistemáticas específicas para assegurar a descoberta do verdadeiro significado da mensagem. A técnica da análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin, na década de 1970, entende a AC como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, p.31).

Neste trabalho, optou-se pela análise de conteúdo para buscar como se deu a cobertura do processo de “retomada de território” no Complexo do Alemão e Rocinha, realizado pelos jornais O Globo e O Dia. O objetivo foi observar quais as representações mais comuns e seus possíveis significados. Com o intuito de verificar se existem personagens-tipo nas coberturas dos referidos casos, e também de que forma as fotografias criaram re-significações para os episódios. As hipóteses a serem investigadas eram se o fato desses dois periódicos pertencerem a grupos diferentes, destinados a públicos distintos, poderiam trazer visões divergentes quanto à cobertura. E se havia de fato uma tendência para que determinados personagens recebessem atribuições aparentemente “pré-estabelecidas”, como os militares cumprindo o papel de heróis.

A AC é mais comumente utilizada na análise de textos, mas verificou-se que seu método também poderia ser usado junto à semiologia. A autora Gemma Penn, no livro *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, defende que há razões para que estes se aproximem. “Os semiólogos podem incorporar os procedimentos sistemáticos de amostragem da análise de conteúdo. [...] A sistematização mais apropriada da análise, que a análise de conteúdo defende, pode levar também a ajudar o semiólogo a combater acusações de seletividade.” (2010, p.339). A autora diz ainda que para uma melhor integração entre os dois enfoques, seria necessário empregá-los lado a lado, uma explicação semiológica de uma pequena amostra de imagens pode ser usada para exemplificar diferentes códigos analíticos de conteúdo. Os conceitos discutidos e propostos por Roland Barthes (1990) e Martine Joly (2010) são a base que fundamenta a análise semiótica. Eles definem que para entender as significações das imagens, determinados aspectos devem ser observados, como os plásticos, os icônicos e os linguísticos (termos definidos por Joly). Mas como o trabalho tratou de fotografias jornalísticas, o contexto em que são publicadas coopera destacadamente para possíveis significações. E por isso foi necessário inserir na análise autores como Jorge Pedro Sousa (2002) e Luis Pereira Junior (2009), que ajudam a compreender melhor esse tipo linguagem.



Construção da mensagem

A análise empreendida neste trabalho é fundamentada em grande parte pelos conceitos propostos por Roland Barthes (1990) e Martine Joly (2010) que têm por finalidade a investigação dos significados de uma imagem fotográfica, e que nesse caso especificamente serão aplicados ao fotojornalismo. Para tanto, será necessário abordarmos os pontos que servem de base para a criação desse tipo exame, estes tratam da semiologia e semiótica. A autora Gemma Penn descreve um apanhado das ferramentas conceituais usadas nesse tipo de análise (semiótica), além disso, faz referência sobre como esses dois estudos surgiram.

A semiologia surge com a linguística estrutural de Ferdinand Saussure, que entende a língua como um sistema. Saussure chamou de signos as unidades desse sistema linguístico, sendo a semiologia a ciência geral dos signos. O modelo de composição desse signo é estruturado por duas faces indissociáveis que liga um significante, ou imagem acústica, a um significado, ou conceito. A relação desses dois elementos que compõem o signo acontece de maneira arbitrária, não existe um elo natural, tudo é convencionado quando uma instituição social compartilha do mesmo código. Quando falamos do signo “cadeira”, entendemos se tratar de um tipo de assento (local para se sentar) pois o código que compartilhamos convencionou a chamá-la dessa maneira. Mas se a convenção a chamasse de “porta” e todo o grupo social entendesse o conceito de porta como um tipo de assento, todos nós a chamaríamos dessa forma.

Saussure aponta ainda dois tipos distintos de relação no sistema linguístico: o paradigma, que trata do valor de um termo dentro de um contexto relacionando-o com outros termos alternativos que poderiam figurar em seu lugar; e o sintagma, que trata das relações desse termo com os demais que o sucedem e o precedem. Um exemplo simples dessa relação pode ser observado em um restaurante. O cardápio descreve uma série de pratos disponíveis agrupados como opções de entrada: sopa de lentilha, sopa de legumes, creme de cebola. Outros como pratos principais: salmão, bife de porco, bife de boi. E por último as sobremesas: sorvete, torta de limão, pudim. Todas essas opções estão agrupadas em uma relação paradigmática, quer dizer que em cada grupo de pratos o cliente possui alternativas. A ordem em que os pedidos serão servidos, primeiro a entrada, depois o prato principal e finalmente a sobremesa, trata-se de uma relação sintagmática, ou seja, o ordenamento dos pratos que serão servidos e as relações entre eles.



	← Sintagma →		
	<i>Entrada</i>	<i>Prato principal</i>	<i>Sobremesa</i>
↑	Sopa de lentilha	Salmão	Sorvete
Paradigma	Sopa de legumes	Bife de porco	Torta de limão
↓	Creme de cebola	Bife de boi	Pudim

Joly (2010) explica que o signo pode ser relacionado não apenas com a língua, mas também com tudo que podemos ver, sentir, cheirar e tocar, isso vai depender que exista uma relação de significação que vai sujeitar-se à cultura e ao contexto. Charles Sanders Peirce é outro estudioso da ciência dos signos, ele ajuda a ampliar suas possibilidades. O autor propõe um modelo que mantém relação entre três partes (não apenas duas, como proposto por Saussure, que liga um significante, ou imagem acústica, a um significado, ou conceito), uma é o objeto ou seu referente, a outra seria o *representamen* ou significante e o terceiro trata do interpretante ou significado. Essa triangulação refere-se à dinâmica do signo no processo semiótico, que leva em consideração tanto o contexto, quanto o receptor (JOLY, 2010, p. 36). Aproximando essa estrutura do objeto de estudo desse trabalho, podemos exemplificar seus eixos. O referente é um homem com a camisa do BOPE (Batalhão de Operações Especiais) beijando a barriga de uma mulher, essa era a cena vista pelo fotógrafo, o que estava na frente de sua lente. O significante trata do “desenho” que se fez impresso na fotografia. Os significados é o que emana desse “desenho”, ao realizar sua leitura podemos entender que se trata de uma família, de um gesto de carinho ou mesmo de um herói retornando ao lar, tudo irá depender do seu contexto.

A linguagem fotojornalística

Segundo Sousa (2002), o fotojornalismo busca expressar o acaso, a naturalidade contida no imprevisto numa linguagem do instante, condensando toda a “essência” de um acontecimento, sem deixar de lado sua finalidade primeira que é a de informar. Para tanto o profissional necessita realizar escolhas, “o foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista.” (SOUSA, 2002, p.10). Os fotojornalistas têm de definir



essas escolhas muito rapidamente. Coberturas de acontecimentos, como nos casos analisados requerem sensibilidade e capacidade para avaliar as situações e, em algumas ocasiões, bastante perspicácia.

Nesse trabalho as fotos analisadas estão presentes na primeira página do jornal, sua capa, que é sem dúvida a que mais chama a atenção do leitor. Luiz C. Pereira Jr (2009) diz que além de a primeira página ser geralmente o espaço da diversidade de temas e hierarquização dos acontecimentos de maior e menor importância para o veículo, é também onde o mesmo mostra sua leitura sobre o mundo. As disposições do texto e da foto são importantes na página, mas entre esses elementos a fotografia é a que possui maior peso.

É importante destacar o caráter polissêmico da fotografia, uma única imagem pode sugerir uma infinidade de significados. “Os signos visuais estão dispersos na imagem, a percepção é simultânea. O sentido é dado pela articulação de elementos visuais descontínuos. [...] O texto, a legenda, o título, portanto é o que irá ancorar sentido específico.” (PEREIRA Jr, 2009, p. 115). Entre os signos visuais estão, por exemplo, o recorte, a composição, o enquadramento e o plano, que interferem diretamente no que a fotografia deverá transmitir.

O que o profissional na rua escolhe, a partir da pauta, como o instante capaz de traduzir aquele acontecimento, todo o processo pensado pelo editor, a negociação de espaço com os diagramadores e também o texto, tudo isso faz parte do processo de produção de sentidos e de uma melhor compreensão dos significados de uma fotografia de imprensa. Cada escolha é decisiva para se atingir a mensagem pretendida.

Jornal “O Dia”: análise semiótica, o herói nosso de cada dia



Na fotografia há um homem vestindo uma camiseta com a estampa da caveira símbolo do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), beijando a barriga de uma mulher grávida, que destina o olhar ao homem. A imagem foi publicada dia 01 de dezembro de 2010 na capa do jornal O Dia. Seu gênero é o *retrato ambiental*, pois a fotografia foi feita na casa do personagem, dando ao ambiente grande importância, este ajuda a salientar características do policial, conhecemos um pouco de sua intimidade. Além disso, a camisa identifica sua profissão e ressalta o “orgulho” que ele tem dela.

Mensagem plástica

O enquadramento usado foi o plano médio, sendo o ângulo de tomada o *contra plongée*, que é determinado pela altura do ângulo, o fotógrafo reforçou a intenção clara de valorização dos personagens, destacando a relação de carinho daquele pai com sua família, e imprimindo uma grande força expressiva a ambos. A leitura circular da imagem pode ser feita observando que no centro o homem beija a barriga da grávida. A expressão no rosto dela é de alegria e seu olhar indica justamente para a cena que ocorre no meio da foto, o gesto de carinho de seu marido. O que fica mais em evidência em relação às cores é o contraste cromático proporcionado pelo branco e preto. Essa relação entre as cores evidencia a oposição colocada pela própria foto, que mostra a caveira (normalmente ligada à morte) se opondo à gravidez, anúncio de uma nova vida.

A diagramação permitiu à imagem grande destaque, quase toda a página, sobrando pouco espaço para a chamada de outras notícias. Embora quase todas essas chamadas dissessem respeito ao mesmo assunto, o processo de ocupação, a manchete e a outra foto publicada dedicam-se a editorias completamente diferentes.

Mensagem icônica

A fotografia conota uma série de significações que foram atreladas aos militares participantes das operações. A visão que se instaurou foi de bravos homens que enfrentaram o tráfico e expulsaram facções de territórios dominados à mais de 40 anos, verdadeiros heróis. E essa foto nos remete ao herói da vida real, que retorna para casa e que possui as mesmas preocupações e problemas de qualquer homem. A pose desse personagem, cortejando sua esposa, permite um gesto de troca de carinho, sugerindo o medo desse pai de não poder mais voltar e ver seu filho nascer. Apesar da profissão de risco, ele também tem sonhos comuns, como o de constituir uma família.



Ao expor a casa e sua intimidade, os símbolos construídos de homens maus, os temidos militares da polícia carioca, são deixados de lado, e no lugar disso vemos um pai de família, protetor. O jornal entendeu que essa era uma narrativa interessante a ser feita, individualizar. Ao invés de mostrar mais homens fardados exercendo o seu ofício ele dá nome ao agente permitindo assim que o leitor se aproxime ainda mais desse personagem. E não por acaso optam por contar a história de um homem que espera, junto à sua esposa, pelo seu filho. A gravidez traduz a esperança, a renovação, sentimentos que toda a cidade tinha naquele momento, avivado pelo clima de natal, já que o mês era o de dezembro. A análise da mensagem icônica passa pela simplicidade e intimidade do personagem. É uma cena comum, o símbolo de uma família. O jornal conseguiu desmistificar o mito construído, sobretudo, após o filme “Tropa de Elite”, em que o personagem fictício é durão e agressivo. Nessa foto ele mostra que ama a profissão, mas que divide esse amor com a família e que também pode ser fraterno.

Mensagem linguística

O título “A volta para casa do herói do Rio” *conota* a fotografia, direciona o leitor a entender que aquele não era um homem comum. O que se desejava era vermos naquele personagem, que não tem o rosto identificado e poderia ser qualquer militar, os heróis que devolveram a paz aquela comunidade e conseqüentemente para toda a cidade. Não por mera coincidência que o militar escolhido era justamente do BOPE, que ficou conhecido nacionalmente após o filme Tropa de Elite como a polícia linha dura do Rio. Essa fama fez “os caveiras”, como são chamados, serem os principais personagens nas operações dentro das favelas. Sua legenda é,

“Após uma semana de trabalho ininterrupto, em que ocupou a Vila Cruzeiro e participou da retomada do Complexo do Alemão, o cabo do Batalhão de Operações Especiais, Eduardo Soares, 35 anos, tirou uma folga. Ontem, ao chegar em casa, beijou a barriga da mulher, Tatiana, 32, grávida de seis meses, que passou os dias aflita. “Ele mandou fazer uma fardinha preta para a saída da maternidade”, contou.”

e exerce como principal função a de *complementar* ao informar o nome dos personagens, ao inserir a fala de um deles, ao dizer de quantos meses de gravidez está a mulher, todos elementos que não são possíveis de saber sem a introdução da linguagem escrita. A legenda insere dados que essa imagem sozinha não conseguiria trazer. A relação entre os textos que compõem a mensagem linguística mostra claramente a opinião do jornal. Ao chamá-lo de herói o título determina a importância desse

personagem para toda a cidade, e a legenda enfatiza esse aspecto, falando justamente dos seus méritos e do porquê ele merece ser chamado dessa maneira.

Síntese

Ao articular imagem e texto é possível verificar que o jornal apresenta o personagem com ares de ficção, intitulado-o como herói. Descreveu sua proeza de ter trabalhado uma semana ininterruptamente em prol de restabelecer a paz. O mergulho em sua intimidade permite que o leitor veja o que existe por traz da farda, e isso o torna mais próximo, ele deixa a tela dos cinemas para ganhar as capas dos jornais. A fotografia evoca muito as relações “interdiscursivas” que fazem parte do lugar de fala, observá-la nos remete a família, abrigo, proteção, afeto, todas associações estabelecidas pela proximidade do observador com a cena mostrada.

As chamadas abaixo da foto falam de outros feitos, como a tentativa de fuga de um traficante que não deu certo, as apreensões e a descoberta de uma rota de fuga. Tudo isso foi transformado em um especial que detalha tais façanhas. Pode-se dizer que o jornal tenha prestado uma homenagem, quando reserva grande parte da página ao personagem e sua vida íntima. A mensagem observada nessa capa é de reconhecimento a todos que se empenharam em mudar a realidade que se vivia até aquele momento e enfrentaram de forma excepcional o problema.

Jornal “O Globo”: análise semiótica, traficante - o anti-herói nosso de cada dia



A fotografia mostra policiais fardados, com armas em punho. Um homem se destaca, ele veste blusão listrado e calça jeans, caminha de cabeça baixa e braço pra trás, provavelmente algemado. No ambiente é possível ver um prédio branco de vários andares, que não é mostrado por inteiro, algumas pessoas estão nas sacadas, há também uma árvore. A imagem foi publicada no dia 11 de novembro de 2011, no jornal O Globo. A classificação possível a essa foto é de *general news*, pois mostra um momento que faz parte da rotina que envolve o preso. Após o depoimento o traficante seria transferido para um presídio. A prisão já havia ocorrido, era sabido que ele estava no local para depor, coube ao profissional ficar atento ao momento de sua saída. Sua provável preocupação foi conseguir um lugar em que pudesse capturar um bom quadro que desse conta do momento. A composição conseguiu ainda mostrar um instante de troca de olhares entre o preso e um dos policiais, demonstrando que o fotógrafo procurou expressar traços das ações/reações dos fotografados.

Mensagem plástica

No enquadramento foi utilizado o plano médio aberto, chamado de americano, leva-se em consideração que o principal personagem da fotografia é mostrado do joelho para cima. Essa opção permitiu destacar a relação do sujeito com o ambiente em torno dele. Sua composição, apesar de ressaltar Nem, se preocupa também em incluir no quadro os policiais que o rodeiam. Talvez como uma maneira de situá-lo no ambiente, como também para expor sua atual situação de preso sob o domínio do Estado. Na cor há preponderância de tons frios e neutros. Quando lido em conjunto, as cores, sobretudo das roupas, ressaltam a oposição entre os personagens.

Na diagramação da página a foto ocupa grande espaço na parte superior, local privilegiado da capa. Embora, na parte inferior outra fotografia também chame atenção do leitor. Elas tratam de assuntos diferentes, mas não há dúvida que o tema que aborda a prisão de Nem é o que ocupa maior espaço.

Mensagem icônica

A imagem traz o traficante dois dias depois de sua prisão, após prestar depoimento à Polícia Federal, em que revelou esquemas de corrupção que envolvia policiais. A composição da foto sugere oposição entre os personagens, causado pela cor (como dito) e também pela quantidade de policiais versus o traficante (sozinho), induzindo ao significado de que ali ele já não tem poder algum. Um dos policiais parece olhar diretamente para Nem, e ele de cabeça baixa responde a esse olhar de maneira



acuada. As armas determinam quem atualmente é forte e deve ser temido. O “caveirão” mostra marcas de balas em sua lataria, o que indica os conflitos pelos quais o veículo já passou, sendo provável que a maioria tenha sido contra facções criminosas formadas, sobretudo por traficantes. Existem ainda algumas pessoas no segundo andar do prédio que observam toda a cena, talvez curiosos pela movimentação. Esse era um dos homens mais procurados da cidade, ele aparece de cabeça baixa, mãos para trás, olhar humilde, a cena o faz perder toda a autoridade com que sempre foi conhecido na favela. O que fica dessa mensagem é que o traficante já não tem nenhuma autonomia, todos os seus passos a partir de então serão controlados, seus dias como chefe acabaram, agora ele é subordinado ao Estado.

Mensagem linguística

“Nem diz que metade do caixa do tráfico era para policiais”. O título da matéria *conota* significados à imagem, sua interpretação pode ser entendida como uma maneira de reforçar a ideia de oposição já visualizada na fotografia, afinal Nem denúncia o esquema de suborno que envolvia policiais. Ao ler o título o leitor pode entender que a postura de Nem na foto lembra a de um traidor, alguém que tem consciência da gravidade de sua denúncia. A legenda “Nem é transferido da Superintendência da PF para o presídio de Bangu I, após prestar nove horas de depoimento a um grupo de agentes” tem função de *complementar*, oferecendo informações do que estava ocorrendo no momento em que aquela imagem foi realizada. Os textos atestam a prisão de Nem e acrescentam que mesmo confinado ele ainda poderia ser um problema para a polícia, falando tudo o que sabia. Em seu primeiro depoimento Nem tratou de desmoralizar a polícia, que em sua prisão foi elogiada por não ter sido corrompida pela tentativa de suborno de um milhão, oferecido por seu comparsa ao militar que interceptou o carro em que ele foi encontrado.

Síntese

Na foto o que podemos observar é justamente que o Estado tem total controle sobre o traficante Nem. Mas os textos vão além e mostram que o personagem ainda tem muito o que dizer, sobretudo da própria polícia e está disposto a revelar os envolvidos em seus esquemas. O conjunto demonstra que a ideia central é combater totalmente a criminalidade, inclusive quando as transgressões forem comedidas pelos militares.

A capa traz ainda outros temas, fala sobre a questão dos royalties do petróleo, outro assunto que também era de grande interesse para o Estado do Rio de Janeiro.



Durante alguns dias o jornal dividiu seu espaço para as duas temáticas. Se por um lado a intervenção do governo federal era bem vinda, pois foram os que cooperaram para a captura de uma liderança do tráfico, por outro sua intromissão nas questões sobre o petróleo não era bem aceita. A ideia que fica da maneira como os elementos foram organizados na página é de um Rio que luta contra o crime e também contra tudo que considera como injustiça. E que procura realizar ações em defesa de seus interesses.

Os resultados das análises

Os elementos mais frequentemente vistos nas fotografias foram o militar, o traficante, o morador da comunidade e as apreensões. Os índices foram criados a partir desses elementos, que ao serem agrupados permitiu-se observar como foram representados pelos jornais.

Militar

O que mais pode ser observado nas fotos em que o “militar” aparece é que, em sua maioria, estão atuando em alguma operação, seja em conflitos, buscas pela favela, com armas em punho, em alguma ação. A exceção ocorre no jornal O Dia, de 01 de dezembro de 2010 e o de 30 de novembro de 2011, em ambos os policiais estão em suas residências, sem fardas e em algum momento que revela a vida particular. Mas que cooperam para reforçar a significação de herói, amplamente vinculada ao trabalho que eles fizeram durante as operações.

Morador da comunidade

Uma das respostas às hipóteses levantadas pelo trabalho esteve justamente no fato de que a quantidade de fotografias dos moradores e da comunidade esteve próxima ou mesmo empatou com o grupo dos “militares”. Isso significa que em relação à cobertura os dois personagens tiveram grande representatividade, ao menos nas capas, local privilegiado do jornal. Mas é necessário que se faça uma ressalva, ao contrário do que se observou no grupo das fotografias dos militares, no caso dos moradores as imagens não estiveram presentes em várias capas. O que se via eram elas concentradas em alguns dias, ou seja, não que esse personagem aparecesse com frequência, e sim que ocorria de várias fotos que os destacavam aparecerem em uma única página. E que portanto, no que mostram as capas, aparentemente eles tiveram uma importância menor na pauta diária das invasões.



Traficantes

As imagens em que o personagem principal da foto é um traficante traduzem bem a distinção que existe em ambos os episódios. No Complexo do Alemão em sua maioria as fotos mostram traficantes em liberdade, são pelo menos 63% do total, como se verifica na foto analisada do jornal O Globo. Contrariamente, na cobertura da “retomada de território” da Rocinha em boa parte, 75%, os traficantes são representados em algum momento que faz referência a sua prisão. Isso reflete o significado de cada processo, no primeiro a ocupação não foi premeditada, não havia preparação, nem organização. Enquanto no segundo caso, a logística e o preparo foram determinantes para os bons resultados observados. Ao menos parece ter sido essa a ideia construída pela mídia.

Apreensões

Ao tratar das fotografias que mostram as apreensões como o elemento destacado, seja na composição da própria imagem ou no texto, é possível dizer que sua frequência foi maior no episódio do Complexo do Alemão, representando 60% no total do grupo nos dois jornais. Separados por periódicos, O Globo enfatizou mais esse aspecto no caso do Complexo do Alemão, e O Dia, mais no episódio da Rocinha. As ideias dessas fotografias em geral era enfatizar o trabalho feito pelos militares, tanto que eles aparecem em praticamente todas as imagens desse conjunto.

Considerações finais

Pelo conteúdo observado nos jornais O Globo e o Dia foi possível constatar o apoio de ambos ao processo de “retomada de território” que aconteceu nas favelas estudadas. O público para o qual cada periódico se destina influenciou no recorte que foi feito em cada acontecimento. Um exemplo disso pode ser visto na análise do personagem do militar, em que por duas vezes o jornal O Dia optou por conhecer a realidade desses homens por trás da farda. Em um caso mais específico, uma foto trazia o cabo da Polícia Militar (envolvido na operação da prisão do traficante Nem), com vestimenta comum, sentado em sua cama, em um quarto simples. O título e legenda destacavam justamente que mesmo sendo pobre, aquele homem era honesto e não se submeteu ao suborno do traficante.

O Globo, na mesma data, também tratou da temática, mas optou por trazer o primeiro e segundo-tenente da Polícia Militar numa cerimônia formal, em que eles receberam os cumprimentos do secretário de segurança, José Mariano Beltrame. Em



um, o critério de escolha para a imagem parece ter sido o de defender o ponto de vista de um sujeito que não tem o devido reconhecimento por parte do governo em relação a sua função. E no outro os interesses políticos prevaleceram a tal ponto, que o dado reconhecimento foi feito por uma personalidade de grande importância para os assuntos relacionados à segurança pública do estado, sendo direcionado aos membros da alta hierarquia militar.

Outras diferenças surgiram, como a divergência na representatividade dos moradores nas capas do jornal O Dia, em detrimento ao conteúdo do O Globo. Tanto um, quanto outro permaneceram atrelados a seus critérios de escolha de narrativa. É característica do jornal O Dia trabalhar as temáticas de maneira a despertar interesses da população da classe C e D, a maior parte de suas fontes eram pertencentes a essas classes, moradores da favela, militares de baixa patente. A linguagem apresentada em alguns títulos e legendas, também foi mais popular. Enquanto no periódico O Globo os interesses normalmente atendiam a classe média alta (A e B). Na narrativa e organização dos elementos da página é possível observar que o morador da favela teve pouco espaço, nas raras vezes em que apareceu havia sempre outras fotografias com maior destaque, mesmo esses sendo casos ocorridos dentro das comunidades. Em suas capas se observam militares da alta hierarquia, personalidades políticas, falas de moradores da zona sul da cidade, porém do “asfalto”, com raras exceções. O periódico aparentemente se preocupava mais com as consequências que a “retomada” teria para o restante da cidade do que para os residentes da própria favela.

Para Sousa (2002) o fotojornalista, ao retratar pessoas necessita evidenciar traços que marquem sua personalidade. Observa-se nessa amostra, o militar frequentemente exercendo sua função de protetor e herói, o traficante como o facínora e o morador como a vítima, para quem o socorro é necessário. “As imagens podem tanto maquilar um Outro, quanto construir um Outro; elas podem revelar identidades e dar a ver a estrutura da sociedade, suas diferenças e contradições. Elas podem contribuir, e muito, para a perpetuação e atualização de um imaginário acerca dos sujeitos.” (TAVARES, 2006, p. 61).

O trabalho não trata de avaliar essa política de governo que ainda está em desenvolvimento. A intenção central foi mesmo a de observar como dois influentes jornais trataram do tema “retomada” territorial de duas das maiores favelas da cidade, quais foram os interesses defendidos, o que se observou de mais frequente em uma perspectiva iconográfica de suas capas. É importante, “chamar a atenção para a forma



com que as relações entre mídia e poder público contribuem para a consolidação e disseminação de um senso comum.” (PEREIRA, 2012, p.145).

Exemplos de outras capas:



Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. França: Ed. Edições 70, 2011.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUER, Martin W.; Gaskell, George [Edit.]. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papius, 2010.
- JUNIOR PEREIRA, Luiz C.. **Guia para edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LIMA, Carlos A.. **Os 583 dias da pacificação dos Complexos da Penha e do Alemão**. Rio de Janeiro: Agência 2A Comunicação, 2012.
- PEREIRA, Pedro. **Segurança para quem?** O discurso midiático sobre as Unidades de Polícia Pacificadora. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, 2012.
- SOUSA, JORGE P.. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2013.
- VAZ, Paulo Bernardo. **Narrativas Fotográficas**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.